

O Trabalhador

ANO III

Redacção e Administração: R. Capelo, 5 - 2.ª, Esq.
1 DE JULHO DE 1936

Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.ª

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 - Lisboa
QUINZENÁRIO - AVULSO \$30

N.º 53

“O Trabalhador”, já nem responde...

Admira-se com as turbas!

Se o espaço de que «O Trabalhador» dispõe não fosse mais precioso do que as horas de bom humor que vós iríeis passar, prezados amigos, se eu fosse a fazer uma crítica demorada à resposta dada ao «Trabalhador» pelo «vanguardista» de Viana do Castelo, dispor-me-ia a mostrar ao ilustre... pensador e homem de letras tão verdadeiras são aquelas palavras da Sagrada Escritura: *Abissus abissum invocat*, que o nosso Camilo tão bem traduziu por: *asneira puxa asneira*. Não vale a pena responder!

Depois de insultar «O Trabalhador», de me chamar mentecapto (que quere dizer idiota) e mentiroso, explica-se que nem um... melro!

Ora vêde, mas não vos riáis, senão êle zanga-se!

Diz êle, no jornal de 20 de Junho:

«Aconselho-lhe, para seu retratamento, uma leitura minuciosa e ponderada — se sabe ler, claro está (já vamos ver como êle sabe escrever, acrescente eu) — do que expressei e, desta sorte, notará que mente, dizendo que eu declarei não ser a Acção Católica necessária para nada e muito menos a Acção Social da Igreja; notará que mente, declarando que eu propuz ao Estado o encargo de cristianizar o povo português; e, finalmente, notará que mente, atribuindo-me pretensões de cristianizar Viana.»

Se o homem tivesse ficado por aqui, os leitores que não leram a entrevista que êle deu ao prezado colega «Notícias de Viana», ficavam a julgar que eu era mentiroso, idiota, etc. e eram capazes de acreditar nêle. Mas, como quis continuar a asneira, imediatamente a seguir (notem: imediatamente a seguir, sem mesmo mais nada a afastar para... longe a saída com que aniquila para sempre os seus méritos intelectuais), justifica-se (II):

«Se eu condeno a existência da Acção Católica...»

O homem! Então? — Menti?!

Valha-nos Deus! Êle condena a existência da Acção Católica e eu é que sou idiota e mentiroso quando escrevi que êle dissera que a Acção Católica não servia para nada...

Mais adiante, acrescenta:
«Sou católico militante (viva o luxo!) mas não reconheço à Igreja o direito de versar assuntos económico-sociais. Além disso é desnecessária em Portugal a existência de organizações pró economia social...»

E eu é que sou mentiroso! Parece impossível que haja tanta... simplicidade em quem escreve para um jornal! Mentiroso, por afirmar que êle escrevera que a Acção Social da Igreja não era necessária para nada! E isto no próprio artigo em que me chama mentiroso! Como o Padre António Vieira, não louvo nem condeno; admiro-me com as turbas!

Por aqui já ficais fazendo idéa, não é verdade?

Acrescenta ainda, entre outras coisas do mesmo jaez, esta:

«Chamo-lhe a atenção para o discurso de 23 de Novembro de 1932 na parte «Os católicos», pág. 170 do livro «Discursos» sobre a agremiação denominada Centro Católico...» etc.

Não vê o fogoso escritor que a própria citação que faz para me desdizer o arrazate?! Ora leia o que transcreveu: «só trazia

vantagens para o país a transformação do Centro Católico em vasto organismo dedicado à acção social.»

Então, ó homem?! Eu é que sou mentiroso... Eu é que afirmei coisa que êle não disse, se êle as repete com mais clareza ainda, para me chamar... idiota e mentiroso e amigo da confusão!

Acho melhor que estude mais um pouco para ver se consegue passar nos exames, porque, se se apresenta como se apresentou a êste exame polémico, apanha pela certa um zero e ainda por favor...

E para terminar (já que êle nos diz: *«fit que sabendo o jornaleco que com tais doutrinas — refere-se a êle próprio, gloriando o que lhe disséramos — será bom não discutir»*), sempre lhe queremos ensinar uma coisa. É o que se refere à autoridade da Igreja em assuntos económicos e sociais. Leia as encíclicas pontificias e verá que a Igreja tem autoridade e dever de versar assuntos económico-sociais. Não citamos as palavras, mas citamos as passagens onde a poderá encontrar: «A Igreja e a Questão Social», edição da União Gráfica, pág. 41, 92 e 119.

Parece-me que o meu acusador não compreenderá melhor a doutrina da Igreja do que Leão XIII, e Pio XII! apesar de ser... «católico militante».

Valha-nos Deus! Estamos servidos com tanta inteligência em tão verdes anos!

E, como será bom não discutir com «tais doutrinares», ficamo-nos por aqui, porque as confusões que estabelece a propósito de política e religião, de Centro Católico e de Acção Católica, de cristianismo, etc. etc. são tantas, que a gente até tem pena de tanto disparate junto e fica sem coragem para responder a mais.

Num homem que assim se suicida não é cristão bater!

Mais vale admirarmo-nos com as turbas...

Mas, se o homem está no uso das suas faculdades intelectuais, confesso que realmente estou idiota.

Abel Varzim

O que vai pelo mundo

Este ano de 1936 tem sido um ano particularmente fértil em convulsões políticas e sociais. A remilitarização da Renânia, o desfecho do conflito italo-abertin pela vitória dos invasores, a malhada questão das sanções económicas aplicadas à Itália, a revolução do Japão, os acontecimentos revolucionários da Espanha, as greves da França e da Bélgica, etc. são outros tantos episódios, muitos deles sangrentos, que têm agitado o mundo e que constituem motivo de graves apreensões e de justificados receios. No meio da desordem tremenda que vai pelo mundo, Portugal parece um cantinho do céu não obstante a miséria que nos fustiga e que é, em grande parte, a consequência da invernia prolongada que tivemos. Há fome em muitos lares de humildes trabalhadores, há muitos homens válidos que lutam com enormes dificuldades, por falta de trabalho ou por deficiência dos salários, mas ao menos há paz e ordem nas ruas, não se fala em greve nem em revoluções sopra uma brisa suave de concórdia e de puro e são espiritalismo que operará, esperamo-lo firmemente, uma profunda revolução na nossa mentalidade, nos nossos costumes e na nossa vida política e social. Foi o individualismo a principal causa da nossa ruína, é êle ainda hoje uma fonte de mal estar e de confusão. Se queremos gozar de dias melhores, procuremos difundir o espiritalismo cristão ou antes a doutrina social católica, a única que corrige os desmandes funestos do individualismo sem cair nos erros do socialismo.

Dentre os acontecimentos políticos e sociais que se têm desenrolado nos últimos tempos, merecem especial referência a nova política social francesa e as convulsões sociais da Espanha.

Na França, após a vitória eleitoral da Frente Popular, subiu ao poder o sr. Léon Blum, homem riquíssimo e judeu avarento, que, talvez por isso mesmo, vem ocupando já há bastante tempo a chefia do partido socialista. Quanto à riqueza do sr. Blum, basta recordar que, além dos rendimentos das suas vastíssimas propriedades e dos juros dos seus capitais, êste prestimoso socialista!!! recebe 34.661 francos como conselheiro de Estado honorário; 60.000 francos com deputado da nação e 24.000 francos pela sua colaboração no jornal socialista «Populaire», o que perfaz a linda soma de 118.600 francos ou seja perto de 180 contos!!!

Mas ainda não é tudo, pois êste opulento judeu exerce ainda as seguintes funções, todas elas largamente retribuídas: protector da Sociedade do Casarão de Monte Carlo; advogado da Companhia de Gás de Bordéus, dos acionistas da companhia do Suez e da «Blanchisserie de Thonon», dos concessões ferroviários e possui bilhete gratuito em «wagon-lit» em todas as linhas ferroviárias france-

as. Já os leitores podem ver o interesse que êst millionário deve ter pelas classes trabalhadoras. Logo que êste senhor tomou posse das rédeas do governo, reberntaram greves em todo o país. Depois de laboriosas negociações concluíram-se acordos que, melhorando consideravelmente as condições de vida dos trabalhadores, vão onerar imenso a indústria e o comércio francês.

A semana das 40 horas, o aumento dos salários, as férias pagas são reivindicações legítimas, quando a situação económica do país permite satisfazê-las sem perigo para a vida nacional. Mas nos tempos difíceis que vamos atravessando, pouco serão as indústrias que suportem tão pesados encargos. Devemos ser justos e prudentes nas nossas reivindicações e não devemos esquecer que geralmente, quem tudo quer, tudo perde. Que val ao trabalhador ter direito a um salário elevado e a férias pagas, se as fábricas fecham e não têm onde ocupar a sua actividade? O capital deve abandonar uma parte dos seus lucros em proveito do trabalho, sempre o afirmámos, mas o êrro dos socialistas é considerarem o capital como inimigo reductivo do trabalho. O capital e o trabalho vêm para serem associados. Um sem o outro não dá produzir, nada vale e nada faz. A França vem portanto iniciar uma experiência política e social que deve ser seguida com todo o interesse. Affaz impossível que a França consiga debilitar a tremenda crise económica que tem atravessado e que se agravará forçosamente com os recentes acordos impostos pelo governo à produção francesa.

No conjunto das nações o povo que occupa o contéstavelmente o primeiro lugar na série timesa dos países desorientados é a Espanha. Não se faz uma leve idéa do que por lá vai. Já não são revoluções umas após outras como nós tivemos no tempo da ditadura democrática, a Espanha vive uma revolução permanente. A Espanha está a saque. Todos roubam, matam, incendiam, que a lhes apetece e o governo continua de braços cruzados, enquanto o sr. Azaña dorme descaído a sombra da bananeira presidencial, indiferente aos clamores do povo e ao crepitir do vasto incêndio que êle ateou pela sua criminosa negligência e até cooperação com os agentes da desordem. Mas deixemos falar os números. O intêpidio chefe da Acção Popular, sr. Gil Ribes, lê há dias em plenas Cortes a seguinte estatística aterradora:

| | |
|--|-------|
| Igrejas queimadas | 14 |
| Assaltos a templos e tentativas de incêndios | 21 |
| Mortos | 21 |
| Peridos | 1.287 |
| Assaltos a lojas | 21 |
| Agressões frustradas | 21 |
| Assaltos a indivíduos | 11 |
| Tentativas de assaltos | 11 |
| Centros políticos assaltados | 11 |
| Centros políticos destruídos | 11 |
| Greves gerais | 11 |
| Greves distritais | 11 |
| Bombas deflagradas | 11 |
| Bombas recolhidas | 11 |

«E edificante, não é verdade?»

Em menos de 8 meses 269 mortos, 1.287 feridos, 128 greves, 216 bombas, etc. não é nada para Ponham aqui os olhos os nossos conservadores e mesmo os nossos governantes para que todos resolvam a dispensar aos trabalhadores a estima, a consideração e sobretudo a justiça a que eles têm direito. Só a doutrina social católica conhecida e divulgada pelo nosso movimento pode dispensar às classes trabalhadoras a assistência e a formação de que elas carecem e assegurar a a cidade a paz e a harmonia, que são a base de todo o progresso social.

P. S.

A violência das revoluções políticas dividiu o corpo social em duas classes, e cavou entre elas um imenso abismo. Dum lado a omnipotência: uma facção que, senhora absoluta da indústria e do comércio, torce o curso das riquezas e faz correr para seu lado todos os mananciais; facção que aliás tem na sua mão mais dum motor da administração pública. Do outro a fraqueza na indigência: uma multidão com a alma dilacerada, sempre pronta para a desordem.

Ah! estimule-se a industriosa actividade do povo com a perspectiva da sua participação na propriedade do solo, e ver-se-á nivelar pouco a pouco o abismo que separa a opulência da miséria, e operar-se a aproximação das duas classes.

(LEÃO XIII, na «Rerum Novarum»)

Os fundamentos da nossa doutrina

Eia, pois, ó ricos, chorai por causa das misérias que virão sobre vós. As vossas riquezas apodreceram e os vossos vestidos foram comidos pela traça. O vosso ouro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará as vossas carnes como um fogo. Juntastes para vós um tesouro de ira para os últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos que foi defraudado por vós, clama contra vós e o seu clamor subiu até aos ouvidos do Senhor dos exércitos.

(Do Apóstolo S. Tiago, na sua Epistola, cap. 5.ª)

Quem não ama, permanece na morte. Todo aquêlle que odeia o seu irmão é um assassino. E vós sabeis que nenhum assassino possuirá em si mesmo a vida eterna.

Conhecemos a caridade de Deus porque Êle deu a sua vida por nós: pois também nós devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos. Se alguém possuir bens da fortuna, e fechar as suas entranhas quando vir o seu irmão em necessidade, como possuirá a Caridade de Deus? Meus filhinhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade.

(Do Apóstolo S. João, na sua 1.ª epistola, cap. 3.ª)